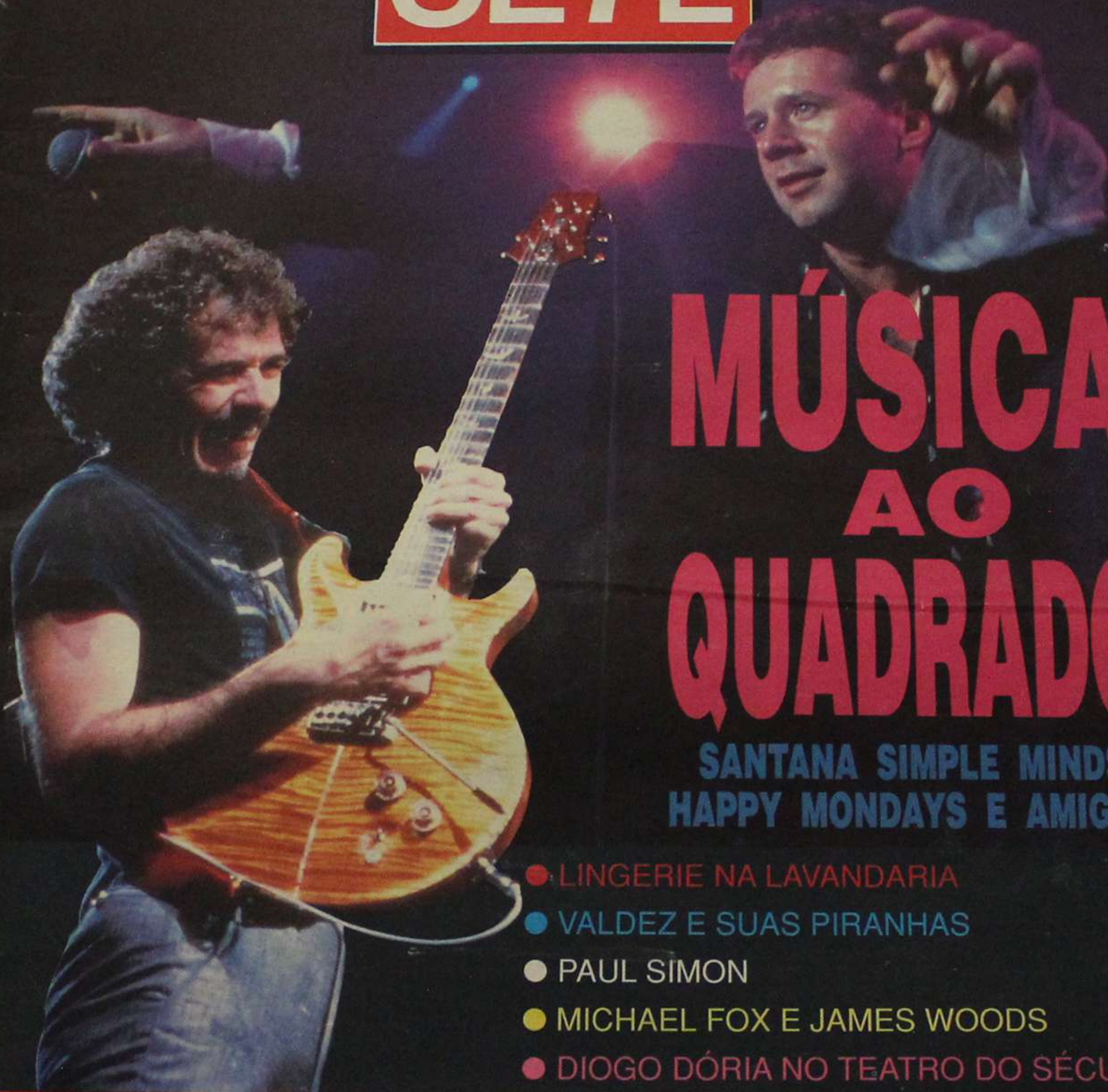


SE7E



MÚSICA AO QUADRADO

SANTANA SIMPLE MINDS
HAPPY MONDAYS E AMIGOS

- LINGERIE NA LAVANDARIA
- VALDEZ E SUAS PIRANHAS
- PAUL SIMON
- MICHAEL FOX E JAMES WOODS
- DIOGO DÓRIA NO TEATRO DO SÉCULO

osicom

computers

made in USA



OSICOM
para si
que exige alta
performance

TRIBEUS

a sua melhor opção em informática



INSTITUCIONAL parabéns

A tomada de posse da nova direcção da Cinemateca Portuguesa e o arranque do ANIM, com uma pedrinha apenas. O resto é para ficar concluído em 1993, prometeu o secretário de Estado da Cultura

Dois acontecimentos da maior relevância para o cinema tiveram lugar no passado dia 17. A tomada de posse, após o recente desaparecimento de Luis de Pina, da nova direcção da Cinemateca Portuguesa, constituída por João Bénard da Costa (director) e Ana Costa Almeida (subdirectora). Na mesma ocasião, o eng.º José Manuel Costa seria igualmente empossado no cargo de presidente da Comissão Instaladora do ANIM — Arquivo Nacional das Imagens em Movimento sendo, de seguida, lançada a primeira pedra do empreendimento pelo Secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, numa quinta com a extensão de 18 hectares, situada no Freixial.

João Bénard da Costa anunciou a (prevista) continuação da linha seguida pelos seus dois antecessores à frente da Cinemateca, Félix Ribeiro e Luis de Pina, sublinhando a importância da conservação do património fílmico a que se dava formalmente início como a primeira prioridade da nova direcção, passados que estão os tempos que classificou de «pavor pelo desaparecimento de um dos mais importantes documentos da história deste século, o cinema», à beira da comemoração do seu centenário, cuja conservação se en-

contrava em estado de «catástrofe iminente, lado a lado com cozinhas com botijas de gás Cidra». O rei da «festa» foi, no entanto, José Manuel Costa cujo entusiasmo nem sob os tórridos 43 graus que se faziam sentir esmoreceu, dando a conhecer em pormenor o projecto do edifício que vai albergar ao ANIM, assim como as fases do longo caminho que a preservação cinematográfica tem ainda de percorrer. Entre os presentes encontravam-se alguns realizadores, como João César Monteiro, Monique Rutler, Fernando Matos Silva, Ana Luísa Guimarães, Vítor Gonçalves e Paulo Rocha, assim como representantes de diversas entidades ligadas ao cinema, entre os quais Manuel Falcão (IPIC) e Barata Preto (Tóbis).

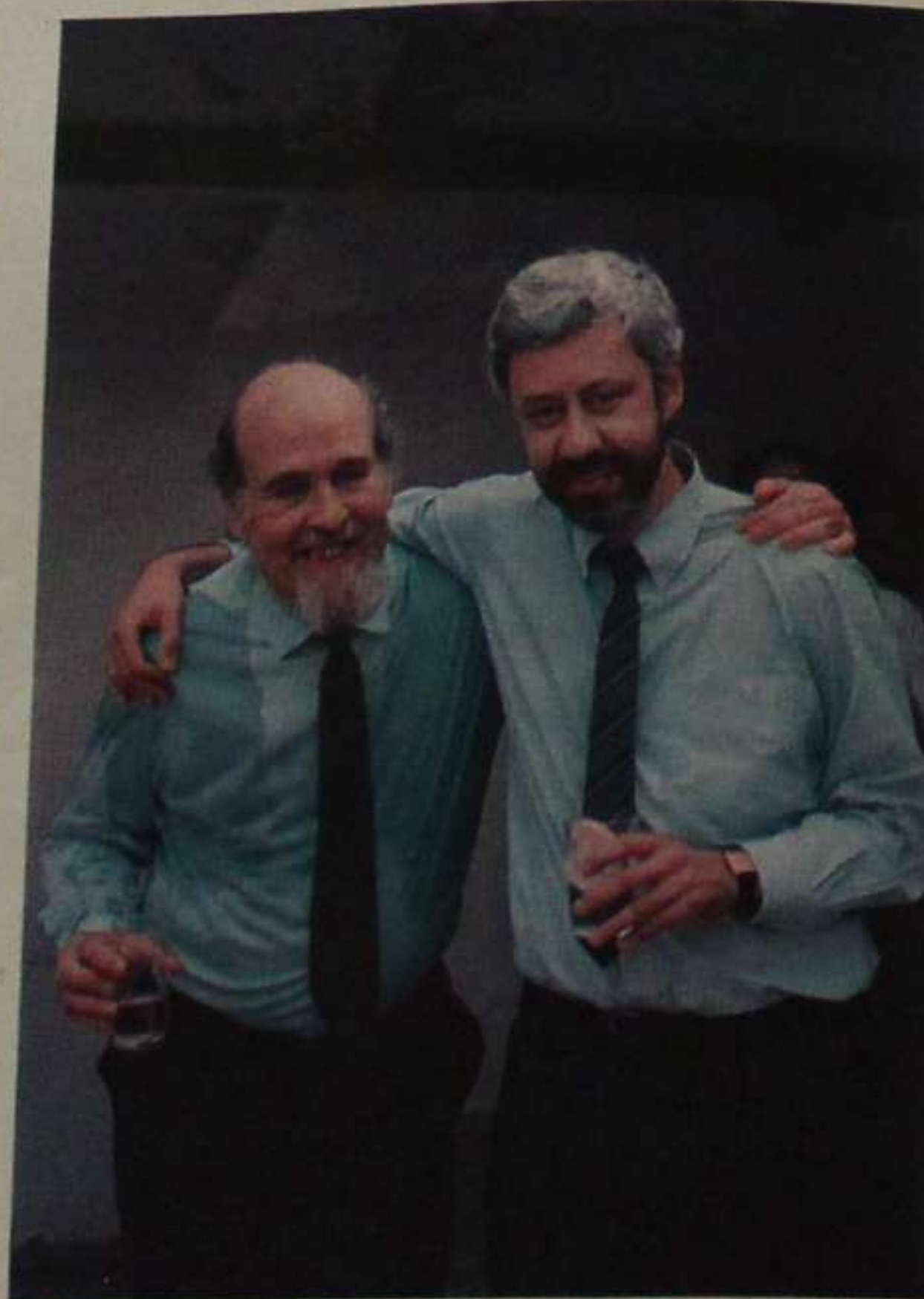
A história deste projecto vai já com dez (incompreensíveis) anos, data da reestruturação da então Cinemateca Nacional que passou a denominar-se Cinemateca Portuguesa, quando foi criado um grupo de trabalho intersectorial com vista a colmatar as grandes carências no domínio da conservação e restauro de filmes. O primeiro módulo, orçado em 100 mil contos e agora formalmente inaugurado, destinava-se exclusivamente ao armazenamento de filmes, tecnicamente denominado «depósito de nitratos» que, devido à segurança exigida pelo suporte em causa (altamente inflamável) ficará isolado do

segundo. Apresenta «grande resistência às variações de temperatura e humidade, resistência mecânica, elevado grau de compartimentação, alçapões de pressão (preventivos de propagação de combustão) e terá uma capacidade total para armazenar 10 000 bobines de 35 mm. O segundo terá funções múltiplas, entre elas a de depósito para «acetatos» (matrizes de conservação a preto e branco, matrizes para «acervação de cor e «cópias de visionamento»), de centro de conservação de cor e «cópias de visionamento»), de centro de trabalho de conservação/restauro, arquivo de fotografias, técnico de trabalho com interesse museológico, além de estar preparado para o arquivo dos chamados «novos suportes» (videográficos, telecinema).

A construção do ANIM, exclusivamente financiada pelo Estado, estará a cargo de António Maria Braga e Alberto Castro Nunes (projecto de arquitectura), AZP Consult, Quanti e Gesbau (projecto de engenharia), Moniz, Carvalho e Ladeira (empreiteiro) e a equipa assessoria de Eduardo Esperança, Antónia Fonseca, João Paulo Antunes e Filipe Boavida. Parece que aquela coisa do quem espera sempre alcança, grão a grão e de de que Deus ajuda quem cedo madruga sempre é verdade. Até que, enfim, há provas. ■ T.C.



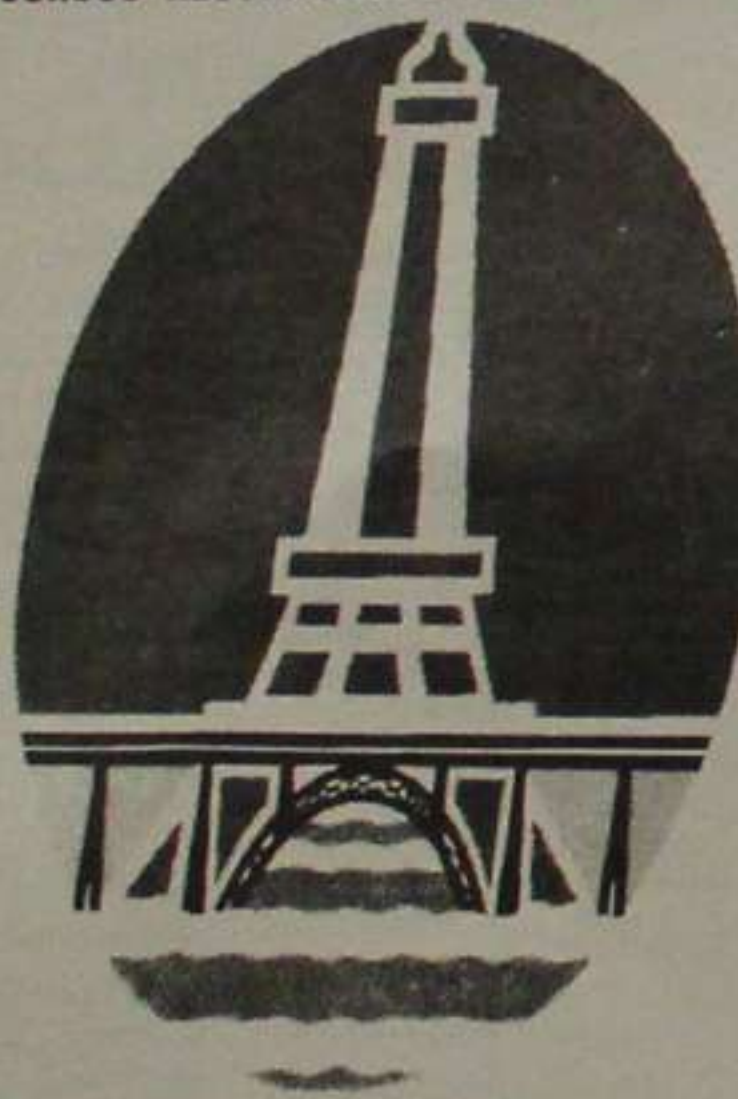
No topo de página, foto família dos «unidos da cinemateca». Fotos acima, a tomada de posse de Ana da Costa Almeida, nova subdirectora da Cinemateca Nacional e momento de espera antes da colocação da primeira pedra do ANIM (Arquivo Nacional de Imagens em Movimento). Foto final, o abraço dos Costas, João Bénard e José Manuel



ESCOLA PROFISSIONAL GUSTAVE EIFFEL

CRIADA AO ABRIGO DO D. L. 26/89 — CURSOS RECONHECIDOS PELO D.N. N.º 45/90

9.º ANO ?
e agora...
ENSINO TÉCNICO DE QUALIDADE



AMADORA

- Técnico de Const. Civil/Orçamentistas
- Técnico de Const. Civil/Condução de Obras
- Técnico de Const. Civil/Desenhadores
- Técnico de Topografia
- Técnico de Informática/Manutenção de Equipamento
- Técnico de Informática/Fundamental

ENTRONCAMENTO

- Técnico de Gestão
- Técnico de Informática/Fundamental
- Técnico de Construção Civil

QUELUZ

- Técnico de Informática/Fundamental

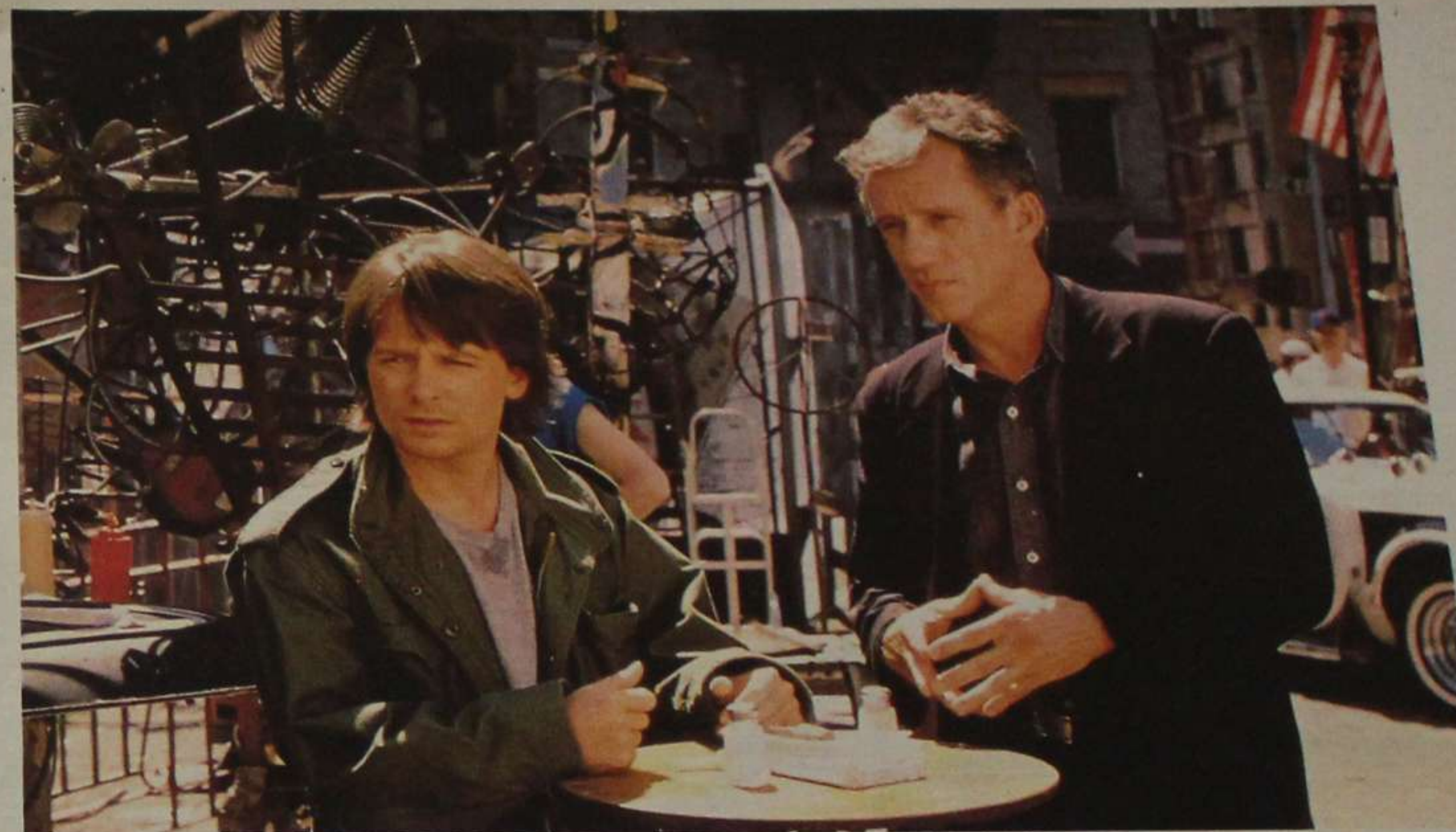
- DURAÇÃO DE 3 ANOS
- DIPLOMA DO 12.º ANO COM ACESSO AO ENSINO SUPERIOR
- DIPLOMA CORRESPONDENTE À HABILITAÇÃO NÍVEL 3
- CONDIÇÕES MÍNIMAS DE CANDIDATURA: POSSUIR O 9.º ANO OU EQUIVALENTE
- SEGURO ESCOLAR DE ACIDENTES PESSOAIS
- SUBSÍDIO DE ALIMENTAÇÃO
- SUBSÍDIO DE TRANSPORTE
- PROPINA MENSAL
- ALOJAMENTO

ACÇÃO CONJUNTA ENTRE COOPTÉCNICA - COOPERATIVA DE ENSINO E FORMAÇÃO TÉCNICA E PROFISSIONAL, C.R.L., MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO - G.E.T.A.P. E MINISTÉRIO DO EMPREGO E SEGURANÇA SOCIAL

Rua Mouzinho de Albuquerque, 8
2300 ENTRONCAMENTO
Telef.: (049) 71 89 98
Fax: (049) 71 89 98

Rua Luís de Camões, 4
2700 AMADORA
Telef.: (01) 493 00 98/491 22 80
Fax: (01) 491 22 74

Rua César de Oliveira, 15
2745 QUELUZ
Telef.: (01) 436 45 77/436 25 21
Fax: (01) 436 45 77



SÓCIOS À FORÇA

grande paródia

Confesso que estava à espera de uma «alarvidade», de mais uma comédia idiota e destrambelhada, coisa em que os americanos se têm esmerado nos últimos tempos. Tinha já visto o «trailer» e o produto aí apresentado não dava grandes esperanças. Afinal «The Hard Way / Sócios à Força» é um filme divertido, uma comédia de acção espectacular, produto ideal para estes tempos quentes em que do cinema se aguarda sobretudo «entertainment».

É isso que John Badham oferece. É isso que sabe fazer, talvez melhor que qualquer outro cineasta americano da actualidade. Badham é um artesão competente, ideal para fabricar os melhores «bubble gums» cinematográficos. Os seus filmes são «chicletes», de mastigar e deitar fora. Sabrosos, inconsequentes, inofensivos, simpáticos e esquecíveis. Não obrigam a pensar, pedindo apenas a adesão do espectador para a ideia do «good time», para se deixar ir na onda. São «cartoons» fabricados com actores de carne e osso, em cenários reais.

Em «Sócios à Força» John Badham brinca sobretudo com o próprio cinema. E brinca bem, citando a torto e a direito, despejando nomes sonantes da indústria (os parabéns a Spielberg e à sua esposa pelo nascimento do filho), parodiando a actividade que escolheu. É um policial, é um «film on films», é um «buddy-buddy movie». É isso tudo e, também, uma agradável chalaça demonstrando que Hollywood não tem qualquer reboço em se lançar na autoparódia.

O jogo é organizado com duas personagens centrais. De um lado temos um polícia nova-iorquino, psicótico, destrambelhado, violento, permanentemente na «corda bamba», James Woods a interpretar o papel do «cop» chamado John Moss que afinal não passa de um «role model» criado com todo o arsenal de estereótipos desenhados para a tradicional figuração do polícia duro. No fim de contas temos James Woods a interpretar-se a si próprio com uma máscara à Dirty Harry.

Michael J. Fox é o segundo jogador. Entra no papel de uma mimada vedeta de cinema (chamada Nick Lang), com estatuto de «star» conseguido através do sucesso dos filmes da série «Smoking Gunn», onde aparece na pele do intrépido herói Joe Gunn (uma paródia tanto aos Indianas Jones como aos detectives privados). Ora Nick Lang anda farto de Joe Gunn e quer dar uma volta à sua carreira, tentando apanhar um

Uma vedeta de cinema quer mudar de imagem, fazer filmes duros. Nada melhor que ir trabalhar com os duros, com os polícias, para se saber como é. A estrela do cinema é Michael J. Fox. O polícia duro é James Woods. Pelo meio há um psicopata assassino

filme onde a personagem central é um polícia duro, exactamente à maneira do muito real John Moss. Para conseguir o seu objectivo Nick Lang / Michael J. Fox encontra rapidamente a solução: ir para as ruas, trabalhar com os verdadeiros polícias, sentir a profissão, o perigo. Obviamente escolhe John Moss / James Woods como professor para esse seu «role model». Quando chega a Nova Iorque, Lang acaba por perceber que Moss não ficou lá muito satisfeito por ter de fazer de «ama-seca» a um «menino» de Hollywood...

John Badham criou um árbitro para este duelo. Um assassino psicopata conhecido como o «fura-festas», que desafia permanentemente a polícia de Nova Iorque, avisando a polícia antes de cometer os seus crimes. Não é um psicopata tradicional: trata-se antes de um «vigilante-exterminador» alucinado e em excesso de zelo. É a presa que John Moss persegue. Durante o filme será sempre a pedra no sapato do relacionamento entre Moss e o seu «sócio à força», o actorzeco que resolve aprender a ser polícia chamado Lang.

Badham transforma esta historieta num vertiginoso «cartoon». Qualquer das personagens aqui envolvidas parece ter saído do canteiro dos mais delirantes exemplos de cinema de animação da Warner dos anos 40. O espírito de Tex Avery e Chuck Jones domina. Badham resolve tudo pelo excesso, pela caricatura das situações, pelo gozo aos «clichés». Ainda (e como já se tinha visto no anterior «Na Corda Bamba») pela constante citação cinefílica. Em «Sócios à Força» Badham

chega ao ponto de disparar contra si próprio, gozando com a já clássica cena do seu repertório (de «Na Corda Bamba») onde Mel Gibson encantou meio mundo ao mostrar o rabo...

Em «Sócios à Força» não se pode procurar qualquer ideia inovadora, qualquer tese salvadora para o futuro do cinema. John Badham limita-se a confeccionar «movies» onde a palavra sagrada é o «fun». Num tempo em que qualquer senhor com um metro de filme realizado já aspira a ser reconhecido como grande actor, é bom que se comece a prezar realizadores como John Badham que se despem de qualquer pretensão e sabem que a sua função é produzir «entertainment». Só por isso é inútil procurar qualquer significado especial neste filme, alertar para os buracos do argumento, para a inverosimilhança da história. Não é isso que interessa. Também não vou entrar no jogo dos que afirmam que produtos como este entorpecem os sentidos, banalizam, reduzem o cinema à sua expressão mínima. Talvez seja verdade mas será que temos sempre de nos preocupar com isso? Será assim tão prejudicial deixarmos-nos envolver, ir na onda, rir com a anedota, apreciar um produto tão obviamente de plástico? Cá por mim confesso o «pecado» e admito que necessito de «movies» como os que John Badham tão bem fabrica.

■ MANUEL PEREIRA

JOHN BADHAM — FILMOGRAFIA (só cinema)

- 1976 — The Bingo Long Travelling All Stars
- 1977 — Febre de Sábado à Noite/Saturday Night Fever
- 1979 — Drácula
- 1981 — De Quem É a Vida Afinal?/Whose Life Is It Anyway
- 1983 — Operação Thor/Blue Thunder
- 1984 — Jogos de Guerra/Wargames
- 1985 — Com Asas nos Pés/American Flyers
- 1986 — Curto Circuito/Short Circuit
- 1987 — Debaixo d'Olho/Stakeout
- 1990 — Na Corda Bamba/Bird on a Wire
- 1991 — Sócios à Força/The Hard Way

SANTANA

DAS 23 ÀS 2 MANHÃ

HAPPY MONDAYS
21 H

ALVALADE, 27 JULHO



e



SIMPLE MINDS

R&B APRESENTA

TOUR '91



ESTÁDIO DE ALVALADE 31 JULHO

JOE COCKER

ESTAÇÕES OFICIAIS DO GRANDE CONCERTO / VERÃO 91

ASSOCIAÇÃO DOS TÉCNICOS DE CINEMA PORTUGUESES

a bem do cinema

Há dois anos que andavam nisto. Agora a Associação está a dar os primeiros passos. Pretende-se, sobretudo, apostar no bom cinema. E, como tudo indica, vai existir um mercado cada vez maior e florescente. A intenção é, pelo menos, organizar



Octávio Espírito Santo

É uma ideia que já leva dois anos de desejos. Com a afluência crescente de produções estrangeiras a Portugal e a concomitante necessidade de mais técnicos de cinema para o meio, que o Conservatório não fornecia em quantidade suficiente, a regulamentação ética da profissão andava próxima do «salve-se quem puder». Questões relacionadas com a «anarquia» reinante em termos de trabalho e, sobretudo, com a falta de comunicação entre os próprios técnicos, levaram um grupo de técnicos do campo da imagem a reunirem e elaborarem um documento a apresentar aos produtores. Depararam com o silêncio como resposta, em parte pelo simples facto de não terem qualquer tipo de legitimidade. Não eram Associação. Foi durante os Estados Gerais, reunião dos profissionais de cinema organizada pela APF — Associação dos Produtores de Filmes de Longa-Metragem, que tomou forma o embrião desta Associação que, então, se apresentou como «Associação Provisória dos Técnicos de Cinema Portugueses». Hoje legalmente constituída, a ATCP prepara-se para eleger os corpos gerentes (em Assembleia Geral, no próximo dia 29 de Julho) e prosseguir a sua apresentação junto do IPC, APF e Escola Superior de Cinema, depois dos encontros «informais» que já teve com a Associação dos Realizadores (recentemente constituída), a Associação dos Actores (em formação) e o SNA — Secretariado Nacional do Audiovisual.

Não pretendendo substituir-se à organização de carácter sindical, que entende como necessária e competente para tratar questões que escapam ao âmbito das actividades propostas por esta associação (fun-

damentalmente as do foro laboral e contratatório), a ATCP tenciona manter uma relação não conflituosa com aquela instituição, «a semelhança do que acontece com a Ordem dos Médicos e o Sindicato dos Médicos», como diz Octávio Espírito Santo, assistente de imagem a trabalhar activamente no cinema há 17 anos, ele próprio membro da direcção do Sindicato e elemento empenhado no bom andamento da ATCP. À cabeça das preocupações desta Associação está a defesa da qualidade do cinema feito em Portugal. A situação actual é, como bem se sabe, extremamente precária. João Pedro Ruivo, primeiro assistente de realização com dez anos de trabalho no activo, equaciona assim o estado das coisas: «A indústria é incipiente e muitíssimo frágil.

Há uma entidade estatal que subsidia alguns filmes, muito poucos, há graves problemas na distribuição e exibição desses filmes, a situação da Tóbis (estúdios e laboratórios) é preocupante, pelo que urge uma reflexão a fazer perante a situação complexa que se vive neste momento, reflexão essa que implica os realizadores, os produtores, os actores e os técnicos». Por outro lado, com o «boom» das produções de origem estrangeira (cinema e televisão) que ressurgiu nos anos oitenta (pois não se trata de uma situação inédita — nos anos cinquenta inúmeras produções americanas de série «z» foram cá rodadas) confronta os técnicos com um panorama algo desolador. «A perspectiva para os anos mais próximos é, cada vez mais, sermos confrontados com problemas de organização e com a definição de regras para a profissão, sobretudo tendo em conta o mercado livre de trabalho da CEE e a disparidade de regras existentes nos vários países. Não podemos sair do vazio absoluto

existente directamente para uma estrutura perfeitamente organizada (...)». Lê-se num dos documentos preparatórios elaborados por aquela associação. Ou seja, o aumento quantitativo do trabalho nem sempre foi acompanhado qualitativamente pela profissão e, com a abertura das sociedades a Leste, Portugal corre o risco de lhe ver subtraída uma vasta parcela do mercado — em particular das produções estrangeiras de qualidade. O caso mais significativo foi, recentemente, «Cyrano de Bergerac», rodado na Hungria, que tem mão-de-obra extremamente barata e uma indústria montada e a funcionar.

Para quê

A dignificação da profissão de técnico é, por conseguinte, um dos passos prioritários na actuação da ATCP. Nomeadamente «a atribuição da carteira profissional é uma coisa muito séria. Todos os técnicos a deveriam possuir e têm de ser definidos muito rigorosamente os critérios da sua atribuição e da evolução dentro da carreira», afirma J.P.R.

Outra das preocupações a que os técnicos afirmam pretender dar o maior relevo é a detecção de falhas existentes no sector. E elas são muitas, como sublinha Daniel Sasportes (assistente de realização, 10 anos de cinema). «Porque não há uma estrutura industrial, há problemas a diversos níveis. O domínio mais gritante é o dos efeitos especiais — só temos um técnico que faz alguns efeitos especiais — mas também o sector da decoração e a construção em estúdio, entre outros, precisam de um forte reforço». Detectar estas falhas e promover estágios e acções de formação junto dos técnicos afigura-se, pois, como uma das mais fortes apostas desta associação. A ideia é estabelecer protocolos com instituições como o Conservatório, a Fundação Calouste Gulbenkian, o SNA e o IPC e afins, a quem, como diz O.E.S., «os técnicos têm naturalmente uma palavra a dizer, posto que são quem mais sente tais dificuldades».

Subjacente a tudo isto está, como se calcula, a mudança, a reabilitação, pode mesmo dizer-se, da imagem do técnico. «Até ao 25 de Abril esta profissão era considerada como um subemprego. Havia pouco trabalho, a precariedade na contratação era ainda maior e quem falava de cinema eram os realizadores e produtores e era tudo. Ainda hoje é um pouco assim, sem que haja razão para isso. Os técnicos, porque desinformados, por um lado, e relativamente maltratados pela comunicação social que raramente se lembra da nossa existência, por outro, não têm dado a conhecer os seus problemas específicos», refere O.E.S. Daí que esta Associação pretenda agora dar voz a estes profissionais, fazê-los aparecer como uma realidade do cinema que é feito quotidianamente por pessoas também elas talentosas e cujo brio é reconhecido unanimemente além-fronteiras, sem as quais um filme nunca seria feito. João Pedro Ruivo acrescenta que a «edificação de uma Casa do Cinema e do Audiovisual que reúna as várias associações numa reflexão permanente é uma ambição maior nos nossos planos, porque os Estados Gerais têm de ser levados à prática».

A ATCP quer-se pois uma força impulsionadora e activa no desenvolvimento de uma indústria cinematográfica em Portugal, sem a qual, está bem de ver, não há nem cinema, nem televisão nem nada que resista aos tempos que aí vêm. Bom sinal.

■ Teresa CARMO



Daniel Sasportes



João Pedro Ruivo



DAS 23 ÀS 2 MANHÃ

HAPPY MONDAYS
21 H

ALVALADE, 27 JULHO